

SILVA, Marcos Aurélio. *Se Manque! Uma etnografia do Carnaval num pedaço LGBT da Ilha de Santa Catarina*. Curitiba: Casa Mello Editora, 2021.

Yuri Tomaz dos Santos¹

¹Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, Brasil

Produzindo a Folia: o Carnaval como estilização de sociabilidade

Os estudos sobre sexualidades em contexto urbano, em diálogo com a sociologia e antropologia urbana, são provenientes das primeiras contribuições teóricas emergidas na Universidade de Chicago, sobretudo a partir de 1907, com a publicação de *Sex and Society: Studies in the Social Psychology of Sex*, compilado que reuniria uma série de produções já publicadas de William Isaac Thomas (RUBIN, 2002). No contexto brasileiro, estudos antropológicos que articulam sexualidades e sociabilidades em contexto urbano são diversos, tendo seus precursores Néstor Perlongher e Edward McRae, com enfoque nos estudos acerca de homossexualidade, comércio urbanos e gueto (FACCHINI; FRANÇA; BRAZ, 2014). É no contexto dos estudos sobre urbanidade, território, sociabilidade e sexualidades que a obra que segue se insere.

De autoria do antropólogo Marcos Aurélio da Silva, docente do curso de Saúde Coletiva e dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso, "*Se Manque! Uma etnografia do carnaval num pedaço LGBT da Ilha de Santa Catarina*", publicado em 2021, é resultado de sua dissertação de mestrado defendida em 2003 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). A obra, centrada na análise do Carnaval de rua do Roma (Florianópolis, SC), reflete sobre a ocupação do espaço público por meio das dramatizações e *performances* de sujeitos e de sujeitas LGBTs participantes de um circuito GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) na cidade de Florianópolis, e historiciza não só o território ocupado pelos sujeitos/as em cena, como o próprio modo como tais identidades socializam entre si.

Mais que discutir o Carnaval sob a égide da inversão, pressuposto da análise do Carnaval empreendida pelo antropólogo Roberto Da Matta, "*Se manque!*" busca descortinar as vastas possibilidades de vivências dos espaços públicos por parte das dissidências sexuais. Nesse sentido, logo na apresentação da obra, o antropólogo apresenta quais

Recebido em: 13/07/2022

Aceito em: 25/07/2022



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

transformações podem ser notadas desde a escrita etnográfica, há quase 20 anos que antecederia o lançamento do livro (2021), em que sinaliza para alguns pontos que devem ser brevemente situados.

O autor argumenta que a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) seria mantida em algumas partes ao longo dos capítulos, para não correr o risco de cair no fatalismo de desconsiderar seu uso pelos atores (e atrizes!) que participavam do enredo de interlocução da pesquisa e ocupação do espaço público à época, o que diz muito sobre o modo como esses espaços eram demarcados e por quais sujeitos/as. Reconhecendo, no entanto, a volatilidade do tempo e as atualizações pelas quais o acrônimo passou, sendo usualmente sinalizada por GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) que emergia no período da pesquisa frente aos avanços de pesquisas sobre sujeitos/as LGBTs, Silva demarca a posição pelo desuso de LGTBQIA+, atualmente em alta, por considerar que algumas das identidades de gênero e orientações sexuais inseridas no bojo da sopa de letrinhas (FACCHINI, 2005), “[...] em nenhum momento reivindicavam presença nos territórios etnografados da época [...]” (SILVA, 2021, p. 16), optando por manter o usual, e contemporâneo, acrônimo GLBT.

A apresentação é marcada pelo desejo de situar o leitor sobre o que move a problemática etnográfica e também de sinalizar como os espaços lidos como inclusivos ou próximos podem desnudar uma fricção quanto à própria subversão do que o antropólogo sinaliza na obra para abjeções e liminaridades. Para tanto, duas perguntas centrais guiam a etnografia, quais sejam:

Será que a força do Carnaval do Roma estava justamente no fato de ser um fenômeno liminar para sujeitos liminares, de fronteira – experiência que dominava o campo das vivências homossexuais e transgêneras? A normatização das culturas LGBTs empurra a ambiguidade e a subversão para as periferias de sua práxis, apesar de todo um discurso em prol da diversidade sexual? (SILVA, 2021, p. 19)

Dividido em três capítulos, o livro apresenta na Introdução todo o cuidado do autor em não buscar fixar as identidades que compõem as várias interlocuções que compõem o livro como coautores/as e atores (e de novo, atrizes!) sociais centrais do presente etnográfico e menos ainda do desejo de discorrer, de modo genérico, sobre as sociabilidades emergentes em toda a capital catarinense. É um recorte situado, um pedaço, nos termos do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani – em quem Silva se inspira –, em um diálogo que circunda entre importantes pensadores como Néstor Perlongher, Turner, Jean Langdon, tomando como categorias analíticas os termos: territorialidade, liminaridade e *performance*.

Ao longo do Capítulo I, intitulado “*Cataclismas, Carnaval: a ferveção do pedaço*”, o autor reflete sobre a historicidade da consolidação dos festejos de carnaval na Ilha de Santa Catarina. Dialogando com Mikhail Bakhtin, Richard Parker e James Green, entre outros teóricos, pondera sobre a segmentação entre foliões gays, lésbicas, travestis e *drag queens*, em que chama atenção para que a espera pela reunião desses grupos durante o Carnaval do Roma “como uma comunidade é reduzir essa complexidade” (SILVA, 2021, p. 98), ou seja, essas ocupações segmentadas não devem ser encaradas como uma atomização,

mas como possibilidades e experiências de sociabilidades variadas e subverte a noção de uma comunidade orgânica.

No Capítulo II, *“Eu tô louca”: o lugar da performance*”, argumentando a partir de Green e McRae, Silva chama a atenção de que as segmentações nos grupos de foliões em diversos pontos do território possibilitam sociabilidades distintas, mas chamando atenção para as ambiguidades hierárquicas e a exclusão das travestis. É apresentado como as extravagâncias e as atitudes, nos termos do autor, espalhafatosas, se inscrevem como uma *performance* que é muito mais da ordem da resignificação e do uso desses códigos como denúncia e renúncia das interdições, que atitudes desprezíveis e infundadas, apontando para a potencialização desses momentos que o Carnaval possibilita.

No capítulo III, *“Nas ondas do ser e não ser: pessoa e liminaridade”*, ele aborda como o Carnaval não faz emergir as vivências liminares, mas potencializa. Chama atenção, sobretudo, pelos imaginários sociais com relação à formação dos/das sujeitos/as, sempre tomados sobre a égide/códigos da sexualidade, em que outros aspectos da vida social são deixados de lado.

Na conclusão, intitulada *“O mundo carnavalizado”*, são retomados os aspectos centrais discutidos na obra, reforçando que os construtos em campo encaminham para uma interpretação da intensificação das vivências circundadas em diversos trânsitos, e menos para subversão, como outros estudos acerca do Carnaval sempre tendem a tonificar. Qualquer inversão, que queira se dizer, segundo o autor, se encontraria talvez na própria ocupação do espaço público, que outrora poderiam ser experienciadas na dimensão privada.

À guisa de reflexão, a obra em tela é muito mais potente que qualquer súmula que se queira apresentar, não se esgotando nesses aspectos de modo algum. À vista disso, a obra nos permite compreender o Carnaval para além de uma festividade, mas como reunião e encontros das diferenças, estéticas e estilísticas. Ademais, é importante considerar toda a descrição de situacionalidade do autor com o campo e com a experiência próxima (GEERTZ, 1997), por se identificar como pertencente ao coletivo LGBT, uma vez que isso diz muito sobre as angulações de como a reflexividade (ROCHA, 2006; OKELY; KALLAWAY, 1992) e as escolhas, seja pelo o que e como etnografar, seja pelas escolhas teóricas.

Circular por esses espaços, seja na condição de jornalista, que o colocava em contatos íntimos e na necessidade de decodificar a complexidade do Carnaval do Roma para o público, seja na condição de folião, traz uma justaposição para a composição da etnografia a partir de um olhar, que não abandona ou desconsidera sua condição de identificação como LGBT, folião e morador da região, mas que se dá pelo percurso analítico na baliza antropológica para uma etnografia feita em cinco dias de festa. Afinal, quanto tempo é necessário em campo para observar os circuitos, os códigos? É possível renunciar as experiências e percursos, considerando apenas a entrada em campo sob a égide malinowskiana de estranhamento? É preciso dizer que mesmo aquilo que nos parece autoevidente na defesa de uma antropologia feita com o “outro” distante, apresenta suas volatilidades, além do risco de cair no fatalismo de uma defesa por uma antropologia – antropologia esta que lida com relações e comportamentos humanos tão voláteis quanto a própria incerteza do campo – positivista e cartesiana.

Adjacente a isso, é notável chamar atenção para esses aspectos mais inteligíveis da obra. Primeiro, porque o autor não abona que os espaços de sociabilidades e a festividade

em cena não são espaços de disputa entre abjeções que compõem esses lugares, em que algumas hierarquias degeneradas aos/às outros/as ficam evidentes, não tendo nenhuma pretensão de endossar uma dimensão harmônica e horizontal dentro dessas zonas de abjeções.

Em segundo lugar, vê-se nitidamente que o autor chama atenção para a inexistência de identidades fixas e que a forma como os/as sujeitos/as são codificados/as pelas sexualidades deve ser vista à luz da produção do que esses ambientes propiciam. Além disso, abortar essa perspectiva de identidade de um coletivo específico para a etnografia seria desconsiderar que esses espaços também são compostos e influenciados por pessoas que não compartilham de vivência homoerótica ou homoafetiva, correndo o risco de realizar uma segmentação entre outras sociabilidades que ocorrem nas imediações.

Contudo, considerar o Carnaval como movimento de inversão, para além de potencialização, também teria sido muito potente se feito na obra. Deveras, o Carnaval como festividade que antecede uma data do calendário cristão, pelo menos no Ocidente, permite que haja um desnudamento (talvez deslocamento?) de alguns dispositivos comumente seguidos nos rituais cotidianos. Dessa forma, Da Matta (1977), entendendo o Carnaval como rito, esclarece que a possibilidade de inversão no Carnaval se dá não apenas na instância do sexo, mas do uso do próprio corpo em cena que se libera diante de prescrições cotidianas, bem como a própria noção de espaço é invertida.

Já não se tem mais, para Da Matta, o uso daquele espaço único e exclusivamente para transações de negócios, como se vê no dia a dia. Deveras, as ruas, as praças e o corpo se inscrevem em novas ressignificações que os momentos anteriores e posteriores à folia não permitem – pelo menos não com o mesmo despojamento e conduta “da liberação do corpo símbolo de posição, riqueza e prestígio” (DA MATTA, 1977, p. 33). Posto isso, pensar as sexualidades e *performances* possíveis nesses espaços, no ambiente composto não apenas de pessoas com experiências homoeróticas e homoafetivas, na “ferveção” (SILVA, 2021, p. 108), entre classes, raças, gerações e outros signos, já apontam para uma inversão que no cotidiano talvez não pudessem ser encontrados ou, nos termos de Le Breton (2003), ser encenados por meio da materialidade do corpo.

Talvez fosse interessante apontar o Carnaval tanto como sendo da ordem de emergências de inversões quanto de afirmações/intensificações. Embora o interesse da obra não seja de endossar que as sexualidades são invertidas nesses espaços, perder de vista a possibilidade do uso do corpo como mediação de inversão performática como denúncia e esfera política, acaba por renunciar as possibilidades de várias formas de se produzir sexualidades – inclusive podendo ser oriundas de tentativas de interdições (FOUCAULT, 1988). Mesmo que a intensificação dessas sociabilidades pareça ser tão evidente, nelas talvez pudessem ser encontradas outras tessituras que poderiam ser desnudadas.

Outrossim, o que é importante ser destacado é o próprio interesse de Silva em compreender o espaço urbano ocupado pela diversidade sexual dos/das LGBTs para um interesse que compreende uma teia de sociabilidades, quicá políticas, que não se reduz às transas homoeróticas ou qualquer tomada da sexualidade como desejo afetivo e sexual apenas. Assim, ele apresenta uma folia sem transa e mostra outros caminhos também muito sofisticados para a análise do Carnaval, em que a própria ocupação

desses espaços por esses/essas sujeitos/as já se configura como uma manifestação política, isto é, não há um reforço em dizer do Carnaval como uma festividade única e exclusivamente que fomenta consumo – seja do corpo, por meio do sexo, seja de drogas ou qualquer outro desejo.

Destarte, cabe considerar a importância da obra e suas contribuições não apenas para estudos de gênero e sexualidades e antropologia urbana, como também para aqueles relacionados à Indústria Cultural, ainda muito visionários para os aspectos dos eventos de massa sob a égide do consumo, exclusivamente. Ao contrário, a obra desnuda o Carnaval de um pedaço, de um território situado em Santa Catarina, como atualização de um *ethos* que transcende na emergência da ocupação do espaço público, em que a jocosidade é atualizada por subjetividades e dissidências – e não apenas! –, uma vez que esses espaços autorizam uma transição liminar, mesmo que temporária, de sujeitos/as invisibilizados/as que transveste uma armadura política, sendo o corpo a esfera de denúncia e de renúncia, ao mesmo tempo que potencializa as sociabilidades. Essa fruição se inscreve numa relação fronteiriça, em que corporeidade, gênero e sexualidade são marcados por relações de (des)encontros, diferenças e singularidades, e que no meio desse circuito, como quer Silva, dramatiza o que há de mais diverso nesse pluriverso.

Referências

- DA MATTA, Roberto. O Carnaval como um Rito de Passagem. *In*: DA MATTA, Roberto. **Ensaio de Antropologia Estrutural. O Carnaval como um Rito de Passagem**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977. p. 16-66.
- FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. **Cadernos Pagu**, Rio de Janeiro, v. 42, p. 99-140, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/kJQKf6Hsr7MpyGXXjcZmyGv/?lang=pt>. Acesso em: 6 jul. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf. Acesso em: 6 jul. 2022.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LE BRETON, David. O corpo acessório. *In*: LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papirus, 2003 [1999]. p. 27-54.
- OKELY, Judith; CALLAWAY, Helen. Anthropology and autobiography: participatory experience and embodied knowledge. *In*: OKELY, Judith; CALLAWAY, Helen. **Anthropology and Autobiography**. London; New: Routledge. 1992. p. 1-28. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/area-restrita/Okely-Anthropology_and_autobiography.pdf. Acesso em: 5 jul. 2022.
- ROCHA, Gilmar. A etnografia como categoria de pensamento da antropologia moderna. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 99-114, 2006. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwif-KfmtfH4AhUUA7kGHZ4zAOYQFnoECBcQAQ&url=https%3A%2F%2Fpt.scribd.com%2Fdocument%2F382561692%2FROCHA-Gilmar-A-etnografia-como-categoria-de-pensamento-na-antropologia-moderna-pdf&usq=AOvVaw3VIO2YTVO11b96cRaktw2e>. Acesso em: 5 jul. 2022.

RUBIN, Gayle. Studying sexual subcultures: excavating the ethnography of gay communities in Urban North America. Tradução e Revisão Carlos Eduardo Henning e Glauro B. Ferreira (2018). In: LEWIN, Ellen; LEAP, William (org.). **Out in theory. The emergence of lesbian and gay anthropology**. Chicago: University of Illinois Press, 2002. p. 17-68. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/download/12413/6606>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Yuri Tomaz dos Santos

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo (UFV). Membro do Grupo de Pesquisas em Gestão e Desenvolvimento de Territórios Criativos (GDTec-UFV). Bolsista de mestrado CAPES.

Endereço profissional: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Rodovia Dourados, Itahum, Km 12, Cidade Universitária, Cx Postal 533. CEP: 79804-970.

E-mail: yuri.tomaz90@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4395-179X>

Como referenciar esta resenha:

SANTOS, Yuri Tomaz dos. Resenha da obra Se Manque! Uma etnografia do Carnaval num pedaço LGBT da Ilha de Santa Catarina. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 24, n. 3, e90129, p. 152-157, setembro de 2022.